

artigos



As teorias da ansiedade e das pulsões em Freud

Freud's theories on anxiety and drives (instincts)

*Franklin Goldgrub**

Resumo

Este artigo examina, com base no texto “Ansiedade e Vida Instintual”, as hipóteses teóricas de Freud sobre a ansiedade e as pulsões, e propõe acréscimos às formulações do autor.

Palavras-chave: *ansiedade, pulsões, nosografia, conflito.*

Abstract

The present paper analyses, focusing on the text “Anxiety and instinctual life”, the Freudian theoretical hypotheses on anxiety and the instincts (drives), and also adds further ideas from the author.

Keywords: *anxiety, instinct, nosography, conflict.*

AS TEORIAS DA ANSIEDADE E DAS PULSÕES EM FREUD

Após os estudos anteriores dedicados em separado à ansiedade e às pulsões, Freud decide reexaminá-los em 1932, lado a lado, no mesmo texto¹ e, o que é mais intrigante, sem proceder à respectiva articulação.

* Professor titular da Faculdade de Psicologia da PUC/SP, autor de “A Máquina do Fantasma”, “O Neurônio Tagarela” e “A Metáfora Opaca”, entre outros livros, site: www.franklingoldgrub.com

¹ No texto “Ansiedade e vida Instintual (sic)”, das Novas Conferências Introdutórias de 32/33., Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXII (Editora Imago). Todas as citações referem-se a esse texto, salvo menção expressa em contrário. A tradução da Editora Imago faz caso omissis da distinção entre os termos “trieb” e “instinkt”, traduzindo ambos como instinto. Neste artigo, e seguindo a proposta da escola lacanianiana bem

É provável que se trate da tentativa de elaborar uma teoria abrangente acerca dos fundamentos do conflito, desde a respectiva base até suas manifestações mais conspícuas. Ao enfoque adotado poderia ser atribuído o caráter “estrutural”, visto que o autor aborda a ansiedade e as pulsões mediante uma rede conceitual constituída por diversos aspectos da teoria psicanalítica.

As duas tópicas, a teoria da constituição do sujeito (principalmente o complexo de Édipo), o princípio do prazer/desprazer bem como a nosografia, são convocados para dar conta das cambiantes formas assumidas pela ansiedade, enquanto a experiência clínica guia o trajeto que conduz à segunda teoria das pulsões.

As razões que levaram a subsumir ambos os temas na mesma reflexão não são explicitadas e o autor tampouco menciona os eventuais benefícios da abordagem escolhida. O caráter inacabado do texto (espécie de “*work in progress*”) não deixa de ser um convite a quem se interessa pela lógica subjacente às questões discutidas.

A PRIMEIRA TEORIA DA ANSIEDADE

Fenômeno dos mais comuns na prática clínica, a ansiedade, não obstante, sempre desafiou a compreensão teórica. Seria preciso, escreve Freud, “*Encontrar as idéias abstratas corretas, cuja aplicação ao material da observação nele produzirá ordem e clareza*”.²

No início do texto são recapituladas as hipóteses teóricas anteriores. A definição mais genérica da ansiedade apontaria para o seu caráter de “*...estado afetivo... com as correspondentes inervações de descarga*” cuja origem se deveria “*...a um determinado evento importante...*”³, o nascimento.

Traduzindo a observação de Freud para a terminologia contemporânea, sob o aspecto fisiológico a ansiedade constituiria a reação afetiva

como o critério adotado por Laplanche e Pontalis no Vocabulário de Psicanálise, “*trieb*” será traduzido como “pulsão”.

2 Op. cit., p. 103.

3 Idem, *ibidem*.

correspondente à ativação do sub-sistema simpático (sistema nervoso autônomo), responsável pela configuração dos órgãos internos (coração, pulmões, glândulas supra-renais, baço, pâncreas...), de modo a preparar o organismo para a ação.

A primeira manifestação desse tipo seria “... o processo do nascimento, ocasião em que os efeitos sobre a ação do coração e sobre a respiração, característicos da ansiedade, foram efeitos adequados”.⁴

Freud prossegue: “Assim, a primeira ansiedade terá sido uma ansiedade tóxica”⁵, puramente orgânica. Na medida em que (do ponto de vista psicanalítico) não se pode supor a existência de qualquer manifestação psíquica por ocasião do nascimento, a reação do organismo do bebê ao entrar em contato com o meio, sem a intermediação do corpo materno, seria uma reação exclusivamente fisiológica.

A partir da constituição do ego (via aquisição de linguagem, durante o segundo ano de vida), as manifestações de ansiedade, agora desencadeadas pela interpretação da criança, serão acompanhadas das mesmas reações fisiológicas (isto é, a ativação do sub-sistema simpático).

“Daí, partimos para a distinção entre ansiedade realística e neurótica”, acrescenta Freud. A primeira compreensível e a segunda enigmática, visto que a ansiedade ‘realística’ pareceria ter uma função adaptativa (preparar o organismo para o perigo) enquanto a segunda, pelo contrário, seria inadequada e prejudicial.

(A “ansiedade realística” poderia ser mais adequadamente designada por “medo”, visto referir-se a um objeto (situação) identificado, enquanto a ansiedade propriamente dita se caracteriza pela indefinição do respectivo objeto e/ou situação. Daí o caráter aparentemente consciente do medo, em contraste com a motivação inconsciente da ansiedade. Entretanto, caberia lembrar que também o medo depende da interpretação; o mesmo estímulo (situação) provoca diferentes reações em diferentes pessoas).

Freud deixa de lado a categoria “ansiedade realística” para dedicar-se à descrição da ansiedade neurótica, que classifica como segue:

4 Op. cit., p. 104.

5 Idem, ibidem.

- a) Livremente flutuante, ou ansiedade expectante (“...como numa neurose de angústia típica”).⁶
- b) Fobias: “medo desproporcional”⁷, ainda que esse medo pareça compreensível em alguns casos (animais perigosos, por exemplo), embora não no grau caracterizado pela palavra fobia. Em outras formas, como a claustrofobia (ansiedade relacionada ao entrar em espaços fechados), ou em seu oposto, a agorafobia (desencadeada por espaços abertos), a reação de ansiedade parece incompreensível para um observador.
- c) Histeria e outras “formas de neurose grave” (como a neurose obsessiva). Nessa terceira categoria não há qualquer perigo externo identificável.

A partir dessa categorização, Freud se detém em algumas questões, perguntando o que as pessoas temem na ansiedade neurótica, se ansiedade neurótica e ansiedade realista estariam relacionadas e, em caso afirmativo, como.

A hipótese anterior, desenvolvida no texto de 1916 sobre a ansiedade⁸, é que a ansiedade se deveria à retenção de libido, ou seja, à falta de “descarga adequada” (“satisfação”) da libido. Assim, as expectativas não concretizadas (quer de natureza sexual ou afetiva, como no caso da criança que se vê diante de estranhos e se sente ameaçada pela ausência da(s) pessoa(s) que representam segurança e proteção), se transformariam em ansiedade.

Embora sua definição mais comum seja “energia psíquica de origem sexual”, o conceito de libido torna-se mais compreensível se definido como interesse (positivo ou negativo⁹), investido em pessoas, objetos, situações. Essa modificação, proposta inicialmente por Jung, é compatível com a ulterior redefinição freudiana de sexualidade, que insere as categorias da oralidade, analidade, falicidade e genitalidade no âmbito mais amplo do princípio do prazer / desprazer.

6 Idem, *ibidem*.

7 Idem, *ibidem*.

8 Conferência nº. XXV das Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916/17), vol. XVI das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Editôra Imago, Rio de Janeiro, 1969.

9 Ou seja, o objeto fóbico também é investido pela libido.

A primeira teoria supõe, portanto, que a origem da ansiedade seria a expectativa sexual não consumada ou não plenamente consumada. A ansiedade derivaria da libido que não encontra a satisfação buscada (quer por falta do objeto, quer por ausência do prazer esperado).

O caso “a”) da classificação freudiana (“*ansiedade livremente flutuante ou ansiedade expectante*”¹⁰) se encaixaria na categoria nosográfica “neurose atual”, modalidade de conflito cuja origem Freud atribuiu à intolerância da sociedade européia de sua época, extremamente repressiva em relação à sexualidade. A condenação da sexualidade se expressava pelas restrições à vida sexual não conjugal e era exacerbada pelo adiamento do casamento (por motivos econômicos) e pelo controle de natalidade.¹¹

(Posteriormente Freud relativiza o conceito de neurose atual, que passa a entender como o estágio inicial de uma neurose de defesa. É revogada assim a importância atribuída ao fator social no desencadeamento do conflito psicológico. Essa mudança é concomitante à “anexação” da psicose, a partir da constatação de que a teorização dos delírios, alucinações e distúrbios de humor não tem como ser desenvolvida a contento por parte da psiquiatria. Dessa forma, os determinantes sociais e biológicos são como que excluídos da teoria psicanalítica acerca dos conflitos psicológicos, na medida em que o inconsciente ganha em abrangência)¹².

A fobia, (caso “b”), resultaria aparentemente da aversão a determinadas situações, objetos, pessoas, interpretados como ameaçadores. A psicanálise considera que o objeto (situação) que desencadeia a fobia está associado a fantasias que seriam recalçadas porque se opõem aos valores conscientes. Em decorrência do conflito, aquilo que representaria atração passa a evocar exatamente o oposto (medo, repulsa). O resultado, novamente, seria a retenção de libido, embora por motivos diferentes do caso “a”.¹³

10 Idem, *ibidem*.

11 Expressa pelo coito interrupto e outras práticas que perturbariam a atividade sexual, impedindo assim a “descarga” adequada de libido. O texto “A moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna” (1911) constitui talvez a melhor descrição que Freud fez a respeito das causas da neurose atual.

12 Cf. Conferências Introdutórias à Psicanálise, Teoria Geral das Neuroses (1916/17).

13 Fantasias sexuais, como a de prostituição, não são incomuns em relação à agorafobia.

No caso “c”, a ansiedade derivaria do recalque. Trata-se então da mesma situação referida pelo caso “b” (fobia). A diferença é que a fobia constitui a única forma de neurose infantil (embora também ocorra em adultos), enquanto a histeria e a neurose obsessiva são conflitos do adulto, expressos principalmente pelas dificuldades com a sexualidade. O mecanismo da ansiedade, porém, permaneceria o mesmo; também em relação às neuroses de defesa Freud supunha que a libido ficaria parcial ou totalmente retida e a parcela não “descarregada” se transformaria em ansiedade.

A SEGUNDA TEORIA DA ANSIEDADE

A segunda teoria da ansiedade inverte a ordem dos fatores, propondo que a ansiedade constitua a causa do recalque, ao contrário da primeira (em que a repressão – não o recalque – constituiria a origem da ansiedade).

(Recalque (*Verdrängung*): processo inconsciente, não deliberado, relacionado à divisão psíquica; repressão (*Unterdrückung*): processo consciente, deliberado, relacionado à ação de fatores externos).

As evidências em favor dessa mudança provêm da experiência clínica. Freud constata a relação antagônica entre ansiedade e sintoma. O sintoma parece absorver a ansiedade, que o antecede. Quando a ansiedade ultrapassa certo limiar, dá lugar ao sintoma. Reciprocamente, se a estabilidade do sintoma é ameaçada (porque a pessoa decide enfrentá-lo, quer concretamente, quer através do procedimento psicoterapêutico), a ansiedade volta a manifestar-se.

“E parece, com efeito, que a geração da ansiedade é o que surgiu primeiro, e a formação dos sintomas, o que veio depois, como se os sintomas fossem criados a fim de evitar a irrupção do estado de ansiedade”¹⁴

O modelo da segunda teoria da ansiedade é constituído pela neurose de defesa. Essa categoria nosográfica se diferencia da neurose atual por

14 Op. cit., p. 106.

situar a origem do conflito na infância e atribuí-lo à divisão do psiquismo, enquanto a neurose atual derivaria da repressão causada pela intolerância da sociedade em relação à sexualidade.

A nova teoria da ansiedade conduz à modificação da descrição da fobia infantil. Segundo a “teoria tóxica da ansiedade”, a retenção da libido dever-se-ia à ausência do objeto representativo de proteção (fator ambiental). O novo enfoque, que privilegia a eficácia do recalque, propõe que a fobia infantil resulte do temor despertado pela exigência de exclusividade afetiva que o menino dirige à mãe, cuja punição seria a ameaça de castração.

Na medida em que Freud entende o “complexo de castração” literalmente, considera que a explicação em relação à menina não poderá ser a mesma; para ela, o temor à perda de amor — o amor da mãe — seria o correspondente à punição anatômica. Assim, o pai aparece como “castrador” em relação ao menino que o “desafia”, enquanto a mãe ameaçaria a filha rival com a recusa de amor.

Lacan reinterpretará o ‘complexo de castração’ como equivalente a “separação”, cujo agente seria o representante da função paterna. Numa concepção mais estrutural, e levando em conta a significação do conceito “*infans*” proposto pelo próprio Lacan, caberia atribuir a separação metaforizada pela castração ao ingresso da criança na posição de sujeito devido à aquisição de linguagem.

A segunda teoria da ansiedade leva à conclusão de que aquilo que se teme é a própria libido, cujas primeiras manifestações se expressam pela exigência de exclusividade amorosa em relação às figuras parentais, quadro que pertence à situação edipiana.

A partir dessas considerações Freud procura reinterpretar a ansiedade em função do processo de constituição do sujeito e as instâncias da segunda tópica, aspectos da teoria psicanalítica intrinsecamente relacionados. A formação do ego e do superego constituem momentos capitais no processo de estruturação da personalidade. Quanto ao id, permanece enigmático, razão pela qual não é raro que os livros de divulgação de psicanálise costumem atribuir-lhe um caráter inato.

“A cada estágio do desenvolvimento” corresponderia “...um fator especial determinante de ansiedade”. A descrição refere dois momentos iniciais, caracterizados pelo “desamparo psíquico” e pela “falta de auto-suficiência dos primeiros anos da infância”.¹⁵ Visto que na seqüência o autor menciona o medo à castração e o temor ao superego, é lícito supor que as expressões “desamparo psíquico” e “falta de auto-suficiência” apontem para o que na teoria de desenvolvimento da libido corresponderia às fases oral e anal, caracterizadas pelo “auto-erotismo” e a “perversidade polimorfa”, expressões que referem a posição de objeto e que tipificaríamos a vivência infantil anteriormente ao aparecimento das fantasias originárias e das teorias sexuais infantis, concomitantes ao primeiro momento da situação edípica.

A expressão “narcisismo primário” não se aplica a esse período, visto denotar o aparecimento do ego, concomitante à fase fálica e ao início do complexo de Édipo. Na teoria lacaniana, o momento estruturante prévio ao Édipo corresponderia ao estágio do espelho, em que o bebê acede à comunicação mas ainda não adquiriu linguagem. Pode-se acrescentar que, a partir do estágio do espelho, o bebê se autodenomina em terceira pessoa, situação que se modifica com a aquisição da linguagem (transformação crucial a partir da qual passará a referir-se mediante o pronome da primeira pessoa do singular).

Quanto à segunda tópica, Freud descreve a ansiedade como consequência das relações do ego com seus três “interlocutores”: id, superego e realidade, resultando respectivamente nas ansiedades neurótica, moral e “realística”, esta última derivada do embate com o mundo externo.

REFLEXÕES E HIPÓTESES SOBRE A TEORIZAÇÃO FREUDIANA ACERCA DA ANSIEDADE

Freud procura elucidar ainda outros aspectos da questão, descrevendo pormenorizadamente os mecanismos produtores de ansiedade, o destino dos impulsos recalcados, o papel do “...todo poderoso princípio de

15 Op. cit., p. 111.

prazer-desprazer por meio do sinal da ansiedade” e conclui postulando “...uma dupla origem da ansiedade — uma, como consequência direta do momento traumático, e a outra, como sinal que ameaça com uma repetição de um tal momento”.¹⁶

Seguindo a abordagem abrangente proposta pelo autor, na seqüência serão apresentadas algumas hipóteses com base no processo de constituição do sujeito, no conceito de recalque (recalque primário, recalque secundário), na nosografia, na segunda tópica, na segunda teoria dos princípios (princípio do prazer x princípio do nirvana) e na segunda teoria das pulsões (Eros x Thânatos).

As implicações da afirmação segundo a qual “... o ego é a única sede da ansiedade” não podem deixar de questionar a suposição de que o bebê manifestaria ansiedade nos dois primeiros momentos de estruturação do psiquismo (“desamparo psíquico” e “falta de auto-suficiência”), ainda que nessa passagem Freud dê a entender que o ego já está presente, embora em estado de imaturidade.

Em contraposição a essa suposição, cabe argumentar que o próprio Freud diferencia auto-erotismo e narcisismo. O ensaio “*Sobre o narcisismo — uma introdução*” (1914), é bastante explícito a esse respeito: “... uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido” (...) “Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo”.¹⁷

A partir dessas considerações, não seria descabido propor que os comportamentos do bebê interpretados como ansiedade constituam o reflexo dos sentimentos dos adultos. Essa hipótese, certamente polêmica, encontra amparo na descrição lacaniana acerca do estádio do espelho¹⁸. Embora o seu autor assinale, a partir do próprio título, que se trataria do momento inicial da constituição do eu, é possível restringir e tornar mais

16 Op. cit., p. 119.

17 *Sobre o narcisismo — uma introdução*, Freud, S., (1914), vol. XIV, p. 93.

18 Cf. “*Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*”, Jacques Lacan, *Écrits I*, Éditions Du Seuil, Paris, 1966 [1948].

precisa essa afirmação assinalando que, ao identificar-se à imagem que o Outro lhe confere, o *infans* é subtraído à indiferenciação inicial e conduzido à posição de objeto.

A posição de objeto é anterior ao aparecimento do eu. O estudo do processo de aquisição de linguagem mostra que a primeira forma de auto-denominação sempre se dá em terceira pessoa e que o aparecimento do eu como auto-referência é concomitante à enunciação de frases inéditas (orais ou gestuais), diferenciando-se da mera repetição do que a criança ouviu ou viu.

Se esses comentários tornarem plausível, pelo menos em princípio, a idéia de que a ansiedade do bebê é o reflexo dos sentimentos adultos e que a ansiedade propriamente dita, cuja sede seria o ego, tem início precisamente com a formação do eu, segue-se que a posição de objeto, característica do que Freud designou como “auto-erotismo”, é anterior à posição de sujeito.

A posição de sujeito teria início com a formação do ego e se completaria com a identificação que produziria o superego. A fase fálica, na qual aparecem as fantasias originárias e as teorias sexuais infantis, denotando a inauguração da relação com o objeto, aponta para a emergência do desejo, ou seja, da condição de falta, que criaria a relação objetal.

Assim, a posição de sujeito conota aquisição de linguagem e emergência do desejo.

O autismo e a esquizofrenia infantis, incompatíveis com a aquisição da linguagem¹⁹, poderiam fornecer um ponto de apoio a esses raciocínios. Por outro lado, tomando como critério o conceito de desejo (ou seja, de falta), poder-se-ia acrescentar que se o surgimento do ego tem por implicação a emergência do próprio desejo, o superego se define pela aceitação do desejo do outro.

Assim, o termo “real”, em psicanálise, designaria a impossibilidade de existir fora da esfera do desejo (próprio e do Outro), enquanto “realidade” referiria a constatação de que o outro seria igualmente um desejante.

19 Desse ponto de vista o autismo se caracterizaria pela ausência de comunicação e a esquizofrenia infantil pela comunicação, expressa através da repetição dos enunciados do adulto, comunicação que deveria ser diferenciada da linguagem propriamente dita. O autismo representaria a permanência na indiferenciação e a esquizofrenia na posição de objeto.

O ideal de ego, uma das características centrais do superego, expressaria a forma pela qual o reconhecimento do desejo do outro se manifesta em cada sujeito.

O id, cuja constituição não foi objeto da teorização por parte de Freud, poderia ser relacionado à posição de objeto. A sua instauração dar-se-ia concomitantemente ao estágio do espelho, que significaria a passagem da indiferenciação à posição de objeto. Lacan considera que o estágio do espelho resulta na formação do “moi” (definido como o eu “imaginário”, o eu em terceira pessoa, que se oporia ao “je”, sujeito do inconsciente). Supondo que o “moi” possa definir-se enquanto posição de eu como objeto, seria possível formular a hipótese de que a instância que Freud chamou de *id* designaria a ausência do desejo próprio, por contraposição ao ego (posição de sujeito, presença do desejo próprio) e ao superego (em que o reconhecimento do próprio desejo seria complementado pelo reconhecimento do desejo do outro).

Desse ponto de vista, a aquisição da linguagem instauraria a divisão consciência-inconsciente, seguindo raciocínios apresentados por Freud em seu texto “O inconsciente”, de 1915, principalmente os conceitos “representação de coisa” (“Sachvorstellung”) e “representação de palavra” (“Wortvorstellung”) ²⁰.

O conceito “recalque primário” designaria a instauração da divisão consciência/inconsciente ²¹, concomitante à aquisição da linguagem. O conteúdo do inconsciente corresponderia ao recalque das posições anteriores à emergência do eu, ou seja, a indiferenciação e a posição de objeto (característica do id).

O recalque secundário, operação que Freud atribui ao superego, expulsaria da consciência os conteúdos diretamente vinculados ao complexo de Édipo, ou seja, as representações vinculadas ao momento inicial da

²⁰ Essa hipótese é desenvolvida n’ *A Máquina do Fantasma*. Por outro lado, no *Vocabulário de Psicanálise*, Laplanche e Pontalis escrevem: “... a ligação da representação de coisa à representação de palavra correspondente caracterizaria o sistema pré-consciente-consciente, a diferença do sistema inconsciente, que é composto apenas de representações de coisa”. (*Vocabulário de Psicanálise*, p. 417).

²¹ Hipótese que consta do livro “*Le Refoulement*”, de Claude Le Guen (Coleção “*Qui sais-je*”, PUF, Paris, 1993)

posição de sujeito, definida pelo não reconhecimento do desejo do outro, que se traduzem pela exigência de incondicionalidade e a não aceitação de limites. O recalque secundário situa a criança na fase de latência.

A ansiedade decorrente da relação ego (superego) x id seria representativa do temor à perda da identidade (loucura). As suas manifestações diferem conforme a psicose se expresse pela esquizofrenia, paranóia ou mania-depressão. Nas duas últimas, segundo Freud, o superego estaria presente, ainda que de formas diferentes: não reconhecido enquanto instância interna (paranóia) ou caracterizado pela auto-crítica cruel (depressão).²² Seria possível acrescentar que na mania tudo se passa como se o sujeito se identificasse ao seu ideal de ego (exatamente o oposto do que aconteceria na depressão).

Enquanto na esquizofrenia o surto abalaria diretamente a identidade (o ego), na paranóia e na bi-polaridade o ego seria preservado mas a função do superego, enquanto representativa do reconhecimento do desejo do outro, não se manteria.

Diferentemente do conflito entre a posição de objeto e a posição de sujeito (id x ego-[superego]), a ansiedade decorrente do conflito ego x superego expressaria os conflitos neurótico e perverso. O conflito se expressaria pela dificuldade em aceitar o desejo do outro, denotando o sofrimento produzido pela falta (ou seja, pelo não preenchimento do desejo por parte do outro).

Esses seriam os conflitos típicos do sujeito constituído enquanto tal (ou seja, sujeito desejante, em regime de falta) e descrevem os aspectos conflitivos da relação com o objeto.

A neurose de defesa se caracteriza pela fuga ao objeto de desejo. Na medida em que o conflito do sujeito se expressa pela neurose, a relação com o objeto de desejo será obstaculizada. Os motivos do distanciamento em relação ao objeto de desejo seriam o temor à dependência, a culpa (expressa preferencialmente pela obsessão) e o medo (expresso preferen-

22 Cf. Cf. Conferências Introdutórias à Psicanálise, Teoria Geral das Neuroses (1916/17).

cialmente pela histeria e pela fobia do adulto). A fobia do adulto como que conserva a significação da fobia infantil enquanto apelo à figura protetora e simultaneamente manifesta o temor perante sua presença invasiva.

A perversão se caracteriza pela relação de dependência e de poder em relação ao objeto de desejo (posições de dominador e/ou dominado). O conflito na relação perversa se expressa pelo temor à perda; tanto a perda da individualidade, ameaçada pela dependência em relação ao outro, como a perda do outro, ou seja, a ruptura da relação.

Nas neuroses de defesa, a ansiedade é suscitada pela aproximação em relação ao objeto de desejo, enquanto na perversão a ansiedade é suscitada simultaneamente pela ameaça da perda da individualidade e pela ameaça da perda do objeto de desejo (separação).

Na perversão, a tendência à intensificação da competição entre os partícipes da relação, expressa na alternativa dominador/dominado, exacerba o conflito e torna mais provável a ruptura.

A segunda teoria da ansiedade, interpretada a partir do ponto de vista nosográfico, conduz à seguinte descrição:

- 1) ansiedade relacionada ao conflito entre as lógicas da posição de objeto e de sujeito (id x ego-superego, cujo resultado seria o temor à desestruturação, à perda da identidade, ou seja, à loucura);
- 2) ansiedade desencadeada pela aproximação em relação ao objeto de desejo (sobre o qual pesa a proibição, em graus variados), derivada do conflito neurótico;
- 3) ansiedade relacionada ao temor da perda da individualidade e/ou do objeto, em consequência da disputa de poder na relação, que conduz à ruptura (decorrente da busca de libertação face à relação que sufoca a individualidade), características da relação dita perversa.

Tanto na neurose como na perversão o conflito é suscitado pela escala de valores (ideal de ego) predominante no superego.

A possibilidade da relação não conflitante decorreria da sublimação, que consiste na aceitação do risco de perda inerente a todo investimento libidinal, isto é, a todo interesse dirigido a tal ou qual representação do desejo.

(Esta conceituação de sublimação difere acentuadamente da canônica, que a caracteriza enquanto substituição do prazer sexual e agressivo

mediante comportamentos valorizados socialmente. Fundamenta-se na pulsão de vida —Eros — caracterizada como relação objetal, que se opõe tanto à busca de fusão com o objeto como à sua destruição).

O sujeito constituído oscilaria entre as possibilidades de conflito (neurose, perversão) e de não conflito (sublimação), exibindo características de todas, em graus variados e em diferentes aspectos da vida.

Os conflitos neuróticos e perversos assinalam a dificuldade de aceitar a posição de sujeito (condição desejante, ou falta), o que impele a fugir da relação (neurose) ou a buscar uma relação em que cada parte procura impor suas expectativas em relação ao outro (perversão), atitudes denotativas da não aceitação da diferença.

Na neurose e na perversão a ansiedade expressaria a dificuldade da aceitação da falta (do desejo), ou seja, da relação com o outro enquanto outro (diferente). A ansiedade decorrente do temor à psicose retrataria o medo à desestruturação da identidade (recusa do desejo de desejar, ou seja, da falta).

4) Por fim, na psicose do adulto, a ansiedade não estaria ausente, visto que houve estruturação do eu previamente ao surto, implicando na presença resquicial do ego (mesmo na esquizofrenia, desde que haja delírio, ou seja, reconstrução da identidade ainda que em terceira pessoa).

Na psicose a ansiedade representaria o temor à possibilidade de retorno da condição desejante (falta, condição de sujeito), ou seja, o temor à consequência do fim do surto.

A ansiedade ‘realística’, suposta por Freud no texto em questão, colide com outro conceito freudiano, o da realidade psíquica. Este último implica que o sentimento de realidade decorre da interpretação pela qual o próprio sujeito é responsável. Desse ponto de vista, seria preciso distinguir entre a realidade enquanto conceito denotativo da atividade perceptiva, e a realidade psíquica, que consistiria nas significações/sentidos que cada sujeito atribui às suas vivências.

PRIMEIRA TEORIA DAS PULSÕES: PULSÕES DO EGO X PULSÕES SEXUAIS²³

A primeira teoria das pulsões é referida por Freud a uma concepção não tão distante assim do senso comum (“a fome e amor regem o mundo”) e se articula com a primeira teoria dos princípios. O princípio da realidade corresponderia às pulsões do ego e o princípio do prazer às pulsões sexuais.

Freud admite a influência da biologia na primeira teoria das pulsões (“*Por mais que defendamos a psicologia...*”). Assim, a preservação do indivíduo e a da espécie permaneceriam em conflito, repetindo, segundo o autor, certas situações que ocorrem na natureza. (Por exemplo, o vôo nupcial das abelhas, em que a abelha rainha é fecundada por um dos zangões, que morrem a seguir; a “viúva negra”, aranha que após a cópula mata o macho e deposita os ovos em seu corpo, para que as larvas se alimentem).

Entretanto... nada há de conflitivo nesses comportamentos (ou situações), que se inserem perfeitamente na lógica da adaptação, descrita por Darwin. Em certas espécies, a função do macho (procriação), uma vez cumprida, “desativa” sua existência. A analogia proposta por Freud, entre o conflito pulsional (humano) e o conflito instintual (animais não humanos), não se sustenta. Constitui um antropomorfismo (interpretação do comportamento animal atribuindo-lhe características humanas).

Seja como for, o figurino da primeira teoria das pulsões não é inteiramente “biológico”, porque o conceito de sexualidade infantil, do qual derivam os comportamentos ditos “perversos” (isto é, o erotismo, que se sobrepõe à procriação), bem como a “...*afirmação e engrandecimento do indivíduo*”, certamente não têm paralelo nos animais não humanos. Pode-se dizer que o modelo da primeira teoria das pulsões é biológico, mas as conceituações referentes à sexualidade (o erotismo) e ao ego (narcisismo), já indicam a direção em que as modificações ocorrerão.

O arcabouço da primeira teoria das pulsões é regido pela mesma lógica da primeira teoria da ansiedade. Nesta última, o modelo era o das

23 Salvo menção em contrário, todas as citações seguintes referem-se à parte final do texto “Ansiedade e Vida Instintual” (1932/33).

neuroses atuais, que supunha a oposição entre o biológico (libido buscando exteriorização) e o social (obstáculo à exteriorização da libido, cuja parcela retida se transformaria em ansiedade). Similarmente, as pulsões do ego são supostas enquanto decorrência da adaptação ao meio (social), enquanto as pulsões sexuais se aproximariam do biológico.

Essa foi a suposição inicial, escreve Freud. E, correspondentemente, o primeiro objeto de estudo da psicanálise foi a sexualidade, dando lugar à teoria da libido.

Mas a principal “prova” de que o vetor da primeira teoria das pulsões se afasta do modelo biológico é a diferenciação entre pulsão (*trieb*) e instinto (*instinkt*). O primeiro termo é aplicado por Freud ao comportamento humano e o segundo ao comportamento dos outros animais.

A pulsão deriva em desejo, que se traduz pela demanda dirigida a objeto não determinado (conforme o conceito de deslocamento), em relação ao qual o comportamento tampouco é uniforme, resultando simultaneamente em prazer e desprazer. A divisão consciência/inconsciente impede que o objeto/comportamento demandado/executado tenha a mesma significação em ambos os sistemas. Ou seja, há pelo menos algum grau de conflito, quando não uma divisão; é o que Freud designa pela noção de “ambivalência”.

Em comparação, no animal a série comporta a seguinte descrição: instinto → necessidade → objeto determinado → comportamento determinado → saciação ou ausência de saciação (da necessidade).

Se a pulsão se traduz em excitação, seria preciso lembrar que não se trata de uma estimulação biológica, mas da significação conferida ao objeto da demanda. Conseqüentemente, é preciso que tenha ocorrido a construção da posição de sujeito, que implica no desejo de desejar, ou falta.

Assim, a necessidade, “capturada” pela linguagem, transforma-se em desejo. A afirmação valeria até mesmo em relação à fome. A anorexia e a bulimia constituem pontos de apoio importantes para esse raciocínio.

Finalidade da pulsão: remoção da excitação (mediante a relação objetal, que se expressa pelo prazer / desprazer, em diferentes graus e proporções).

Objeto da pulsão: variável e nunca plenamente compatível com a dimensão do desejo, características que explicam porque a “excitação” não seria “removida” mas perpetuada, pois prazer/desprazer diferem do par saciação/ausência de saciação. A razão dessa diferença entre necessidade e desejo se deve à inexistência do objeto que possa exercer o efeito de completude em relação à falta.

Força da pulsão: importância do investimento libidinal que resultará no empenho em aproximar-se ou afastar-se em relação ao objeto.

Freud comenta o contraste entre a plasticidade das pulsões sexuais e a rigidez das pulsões do ego, fundamentalmente em relação à “fome” e à “sede”. (Entretanto, tampouco esse aspecto do modelo biológico das pulsões permanece: a anorexia e a bulimia mostram que no ser humano sequer a alimentação se deve a fatores biológicos, que na concepção darwiniana traduziriam o imperativo da sobrevivência).

O fator decisivo para o abandono da primeira teoria das pulsões é o estudo da esquizofrenia. A demora da inclusão da psicose no âmbito das pesquisas psicanalíticas deveu-se tanto à suposição de que delírios, alucinações e alterações de humor derivariam de fatores biológicos como à impossibilidade da utilização da metodologia interpretativa com pessoas em surto.

(As pessoas em surto psicótico não buscam qualquer tipo de terapia. O tratamento psiquiátrico é imposto, atitude impraticável para o psicanalista, que só pode intervir quando autorizado (requisitado) pelo paciente).

O estudo da esquizofrenia é de molde a demonstrar a instabilidade do eu (ego), visto a possibilidade de sua desestruturação e, fundamentalmente, sugere que a natureza do ego não provém do “contato com a realidade” (metáfora proposta no texto *A dissecação da personalidade psíquica*²⁴, em que Freud definia o ego como a parte do id que está voltada para a realidade).

Longe de derivar da “realidade”, o ego seria um “objeto” interno que, como qualquer objeto externo, seria investido (“catexizado”) pela libido.

24 Das Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise, vol. XXII das Obras Completas.

Todo nascimento humano decorreria do desejo (não importa o grau de aceitação/rejeição direcionado ao bebê), algo bem diferente da tendência automática à procriação, regida pela finalidade da “preservação da espécie”. A maternidade e a paternidade devem-se a fantasias, ou seja, à significação/sentido do bebê. Desse ponto de vista, o bebê seria um objeto cuja existência se deve à expectativa de prazer/desprazer investida em seu nascimento.

Conseqüentemente, o eu (ego) não derivaria da realidade (adaptação ao meio), mas constituiria a sede das expectativas inconscientes manifestas pelos adultos responsáveis pela existência do bebê (pais biológicos ou adotivos).

Essa constatação leva à revogação da primeira teoria, que não é substituída imediatamente pela oposição Eros x Thânatos (segunda teoria), mas pela teoria intermediária:

PULSÕES DO EGO VS PULSÕES DO OBJETO

A teoria intermediária das pulsões repousa em três argumentos:

- 1) O ego não seria uma estrutura adaptativa, o representante psíquico do organismo, mas sim a conseqüência das expectativas inconscientes das figuras parentais. Tampouco seria inato, mas estruturado pelo processo denominado “identificação” (com as expectativas inconscientes mencionadas). Ou seja, o ego também seria “feito de libido” (expectativa de prazer/desprazer, dirigida pelos pais aos filhos), e não aquela parte do “id” que teria sido modificada pelo contato com a realidade e que representaria a realidade no interior do psiquismo.

A nova descrição do ego implica na erradicação do “princípio da realidade”. Na seqüência, o princípio oposto ao princípio do prazer não será mais o princípio da realidade, mas o princípio do nirvana. Essa modificação somente acontecerá em concomitância com a segunda teoria das pulsões.

- 2) Karl Abraham (1877-1925), psicanalista alemão, contemporâneo de Freud, ao estudar a esquizofrenia e a mania-depressão (atual bi-polaridade), hipotetiza que o mecanismo da esquizofrenia consiste no retorno da libido objetal ao ego. No surto esquizofrênico, diz Abraham, a libido

(a expectativa de prazer/desprazer), que ligaria o sujeito aos objetos, se volta inteiramente para o próprio eu, ocasionando uma quebra de vínculo com o outro (ou seja, com o objeto, o mundo fenomenal).

- 3) A oposição dar-se-ia então entre libido do ego e libido do objeto. A primeira teoria das pulsões explicava os conflitos neuróticos e perversos pela predominância das pulsões do ego e das pulsões sexuais, respectivamente. A teoria intermediária mantém parcialmente essa concepção, atribuindo a neurose à predominância da libido voltada para o ego (fuga ao objeto), e a perversão à libido voltada para o objeto (dependência). A esquizofrenia ocasiona uma mudança importante na teoria das pulsões graças à hipótese de Abraham, que permite compreender o elemento heurístico presente na fórmula habitual segundo a qual a pessoa em surto esquizofrênico é alguém que perdeu o acesso à “realidade”.

2ª. TEORIA DAS PULSÕES: EROS X THÂNATOS (PULSÃO DE VIDA X PULSÃO DE MORTE)

A passagem da teoria intermediária para a segunda teoria das pulsões resulta da modificação da concepção de sexualidade e da constatação de que a agressividade (definida pela tendência à destruição) constitui, no ser humano, uma motivação tão forte como a ligada à sexualidade, constituindo um dos fundamentos do comportamento humano.

É importante ressaltar que tanto ‘sexualidade’ como ‘agressividade’ são definidos por Freud de maneira bem peculiar, diferenciando-se dos significados atribuídos a essas palavras na linguagem coloquial.

‘Sexualidade’ abrange um campo semântico muito mais extenso do que “sexo” ou “genitalidade”. Significa, na terminologia freudiana, a possibilidade de estabelecer relações com o outro, relações governadas pela expectativa de prazer/desprazer (vínculos que implicam no investimento libidinal).

‘Agressividade’ representaria exatamente o oposto. Em vez de significar violência ou agressão, designaria a dificuldade de estabelecer relações

não destrutivas com o outro. A hipótese sobre a esquizofrenia proposta por Abraham ajuda a compreender essa conceituação de agressividade enquanto tendência a negar a existência do outro.

Secundariamente, a agressividade poderia expressar-se pelo ódio (não aceitação do outro, do diferente, violência, destruição), mas sua primeira manifestação seria a desestruturação do eu (ego). Assim, a não relação com o outro teria como causa a não aceitação da própria identidade.

A conseqüência seria a auto-destruição (que tampouco deve ser confundida com suicídio, embora o suicídio pertença à esfera da auto-destruição, como uma de suas formas). A auto-destruição expressa-se fundamentalmente pela desestruturação do eu (ego), característica do surto esquizofrênico. Nos surtos paranóicos e maníaco-depressivos o comprometimento atinge sobretudo a estrutura superegógica, que também é essencial ao relacionamento, na medida em que representa a possibilidade de reconhecer o desejo do outro.

As três formas de psicose (esquizofrenia, paranóia e mania-depressão, ou bi-polaridade), seriam manifestações em que a agressividade predominaria sobre a sexualidade, tanto no sentido da destruição da própria identidade (esquizofrenia) como no sentido da destruição da relação com o outro (paranóia, mania-depressão).

A compreensão da lógica subjacente à psicose (loucura), bem como a aferição da “compulsão à repetição” e da “reação terapêutica negativa”²⁵, os dois principais obstáculos ao processo terapêutico, conduzem Freud a afirmar que a tendência auto-destrutiva está presente em todos os seres humanos, lado a lado com a tendência a estabelecer relações (pulsões de vida).

Além da compulsão à repetição e da reação terapêutica negativa, Freud menciona o masoquismo primário, conceito que procura descrever a não aceitação da condição de sujeito (ou seja, a identificação com a condição de objeto).

25 Em “Além do princípio do prazer”, que Freud publica em 1920.

As pulsões de vida e morte estariam fusionadas, e o perigo seria constituído pela “desfusão”, em que a destrutividade operaria sem a oposição da sexualidade, resultando então na desestruturação da identidade (psicose).

A segunda teoria das pulsões supõe os extremos da não aceitação da falta (que resultaria na psicose, definida pela predominância da pulsão de morte, ou seja, desejo de não desejar) e da aceitação da falta (definida pela predominância da pulsão de vida, ou seja, desejo de desejar).

A pulsão de vida, em sua manifestação mais “pura”, seria representada pela sublimação (aceitação do outro, aceitação da falta, criatividade, prazer sem conflito).

A neurose e a perversão também expressariam a possibilidade da relação com o outro, mas nesse caso a relação se caracterizaria pelo conflito. Neurose = fuga do objeto de desejo (por medo e culpa); perversão = relação conflitiva com o objeto de desejo (dependência, relação de competição/ busca de poder, temor à perda decorrente do conflito).

A segunda teoria das pulsões, enquanto reflexão sobre os fundamentos do conflito, estabelece as bases da teoria da ansiedade, na medida em que descreve a nosografia a partir da reflexão sobre o processo de constituição do sujeito. A teoria da constituição do sujeito, por sua vez, tem por fundamento a noção de desejo (falta), e se estrutura a partir do estudo da linguagem e de seus efeitos no ser humano. Vale-se das conceituações referentes às instâncias da segunda tópica, à teoria dos princípios, aos recalques primário e secundário e à relação objetal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freud, Sigmund (1969), Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago, Rio de Janeiro.
- ____ Sobre o Narcisismo – Uma introdução [1914]. Vol. XIV.
- ____ Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. [1916]. Vol XVI.
- ____ Além do Princípio do Prazer [1920]. Vol. XVIII.
- ____ Ansiedade e Vida Instintual (in Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, vol. XXII, 1932/1933.

Goldgrub, Franklin. *A máquina do fantasma*, Ed. Samizdat, São Paulo, 2008.

Lacan, Jacques. Cf. “*Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*”, Jacques Lacan, *Écrits I*, Éditions Du Seuil, Paris, 1966 [1948].

Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Baptiste, *Vocabulaire de Psychanalyse*. Presses Universitaires de France, Paris, 1973.

Le Refoulement, Le Guen, Claude (Coleção “*Qui sais-je*”, PUF, Paris, 1993).